

## 1- INTRODUÇÃO

Este artigo traz, sobretudo, o processo de construção do Atlas das Celebrações. Não fosse a existência de grupos de pesquisa com acúmulo de produções acerca das manifestações culturais e as longas discussões teórico-metodológicas no decorrer do Projeto “A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe”<sup>2</sup>, este Atlas não seria produzido.

No decorrer dessas discussões a escala e o universo amostral mostraram-se, além de interpenetrados, os principais empecilhos a serem vencidos (Quadro 1). Com efeito, o estudo comparativo intencionado esbarrou nas discrepâncias territoriais dos três estados e no número de municípios frente ao prazo de conclusão imposto pelo Edital do Projeto.

O primeiro recorte definido pelas equipes estabeleceu a delimitação do foco da pesquisa no levantamento das festas apenas dos ciclos junino e natalino, garantindo assim, a execução e a qualidade da pesquisa. Ainda na expectativa de cobrir todos os municípios, definiu-se pela realização, paralela e concomitante ao trabalho de campo, de um levantamento junto aos jornais de grande circulação nos respectivos Estados, cobrindo o período de 1999-2010, bem como em sites das prefeituras. Estas são, portanto as fontes das informações contidas no Atlas.

Para tal, foi produzido um vasto material consubstanciado no “Caderno do Pesquisador” que consistiu em fichas de observação e levantamento de dados, roteiros específicos para os ciclos, para cada tipo de entrevistado e para questionários.

---

<sup>1</sup> Professora do Núcleo de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Grupo de pesquisa Sociedade & Cultura.

<sup>2</sup> Projeto financiado pelo Edital ProCultura nº07/2008 Capes/Minc sob a coordenação de Maria Geralda de Almeida (Universidade Federal de Goiás); Maria Augusta Mundim Vargas ( Universidade Federal de Sergipe); Christiam Dennys Monteiro de Oliveira( Universidade Federal do Ceará)

<b>Especificação</b>	<b>Area Km<sup>2</sup></b>	<b>Municípios</b>
<b>Estados</b>		
Goiás	340 11 783	246
Ceara	148 920 472	184
Sergipe	21 915 116	75

**Quadro 1- Área e número de municípios, por Estado**

Fonte; IBGE 2010

Os entrevistados se distinguiram em produtores/organizadores das festas católicas, sacroprofanas e pagas; produtores e organizadores de manifestações culturais ligadas aos ciclos; representantes de órgãos, entidades e instituições responsáveis pelas festas. E, os questionários foram aplicados durante os festejos cobertos pelo trabalho de campo. Os levantamentos ocorreram no período de dezembro de 2010 a julho de 2012, privilegiando os meses correspondentes aos ciclos, quais sejam, entre os meses de dezembro e janeiro para o ciclo natalino e entre junho e julho, para o ciclo junino.

Todavia, para a execução do Atlas<sup>3</sup>, não foi alcançada uma compatibilidade dos dados com a equipe do Ceará, devido as barreiras já elencadas, mas seus dados estão recebendo tratamento à parte e vêm possibilitando inferências comparativas sem prejuízos ao objetivo maior do Projeto de traçar comparações e relações.

Com esse percurso, apresentam-se a seguir os conteúdos mais significativos advindos da essência das festas e dos fenômenos observados no campo dessa pesquisa, passíveis de mapeamento e exposição numa linguagem de atlas: o Atlas das Celebrações das festas dos ciclos junino e natalino nos estados de Goiás e Sergipe.

## 2- ATLAS DAS CELEBRAÇÕES: FORMA E CONTEUDO

---

<sup>3</sup> O Atlas das Celebrações não encerra o todo do referido Projeto, constitui um de seus produtos que contem, além do relatório final: Banco de dados; Portal; Oficinas, cursos e fóruns com comunidades produtoras de cultura; formação de mestres e produção de artigos.

Foram levantadas 2 234 festas nos dois Estados, numero este bastante significativo e indicativo do valor das tradições que remonta, em muitas delas, ao período colonial e à fecunda conjugação dos portugueses católicos com as matrizes africana e indígena.

A estrutura do Atlas das Celebrações é apresentada no Quadro 2. Aí procuramos salientar que os ciclos junino e natalino comandam suas partes e as festas o seu conteúdo. Como no decorrer da pesquisa foram registradas muitas outras festas associadas ao ciclo produtivo atual, a outros santos reverenciados nos locais e até mesmo micaretas e carnavais, optou-se pela exposição desse universo de conjugação festiva que ocorre dentro dos ciclos junino e natalino, referenciada na terceira parte do documento.

PARTES	CONTEUDOS
1. Ciclo junino	Os santos juninos- festas de referência A explosão das festas juninas A espetacularização das festas Festas tradicionais que resistem As singularidades
2. Ciclo natalino	As celebrações religiosas – o ciclo contido Cores e sons dos festejos A resignificação das folias e dos reisados As tradições que persistem As singularidades
3. Outras manifestações festivas	Diversidade nos estados

**Quadro 2- Estrutura do Atlas das Celebrações**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012.

Ora, os ciclos junino e natalino foram estabelecidos pelo calendário religioso demarcando rituais oriundos de Portugal e manifestos no Brasil, reforça-se, desde a Colônia. No nosso estudo, elas são nomeadas como **festas de referência**, ou seja, aquelas relacionadas aos ciclos, essencialmente religiosas e produzidas pelas comunidades cristãs. Elas encerram novenas, trezenas, tríduos, missas solenes e procissões, se manifestam no espaço religioso, impossível de ser representado pelo espaço geométrico, posto que elas conformam: “um movimento da existência que se direciona, se projeta, em torno da espacialidade religiosa vivida pelo homem [...] na

relação intersubjetiva, na coexistência, no pertencimento a um mundo comum” (Capalbo, 1999, p. 228-229).

No ciclo junino a Igreja e as comunidades católicas festejam Santo Antônio, São João e São Pedro e, no ciclo natalino, o nascimento de Cristo e a chegada dos Reis Magos.

A referência do ciclo junino com o calendário litúrgico dá-se por sua ocorrência após a celebração do Corpo de Deus, quando em todo o país reverencia-se o Divino. Essa referência é meramente cronológica, pois a demarcação é cosmológica, dada pela ocorrência do solstício de inverno no hemisfério Sul, coincidindo com final de colheitas, com fartura no campo e, portanto, motivo para celebrações.

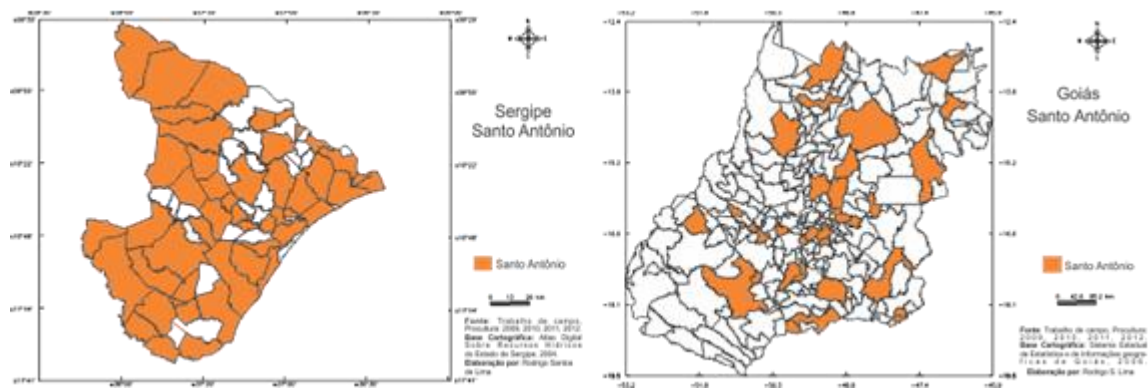
As comemorações natalinas são demarcadas pelo fim do período do Advento que corresponde a quatro semanas antes do Natal e pelo início da Epifania quando celebra-se a manifestação de Jesus aos Reis Magos. No entanto, no ciclo cosmológico, ocorre com o solstício de verão.

Numa perspectiva antropológica, Da Matta (1980) assevera que a Igreja, enquanto instituição monopolizadora de relações espirituais tem o “controle social” durante os festejos religiosos ao congregar, lado a lado, o povo e as autoridades, “santos e pecadores, pobres e ricos, sadios e doentes. Mas, desde a colônia, observa-se o caráter político, religioso e simbólico das celebrações religiosas e, como salienta Del Priore (2000, p. 26), “procuravam moldar a população à aliança entre Igreja e o Estado”.

Desde essa época há registros da participação das comunidades na organização das festas, ressaltando a solidariedade, mas também, a ostentação ou exibição de poder de determinados indivíduos das comunidades (Del Priore, 2000). Desta feita, até o presente, as paróquias e as comunidades mantêm a tradição dos festejos religiosos, momentos em que se espacializam e se distinguem poderes, solidariedades e fé de forma mais nítida nas procissões: geralmente o cortejo religioso é seguido distinta e sequencialmente, pelas autoridades religiosas, políticos e fiéis comuns.

Os santos juninos são bastante reverenciados pela igreja católica tanto em Sergipe quanto em Goiás, observando que Santo Antonio tem mais templos, sejam eles capelas ou paróquias em contraponto à popularidade de São João nos festejos

populares, por ser o santo mais festejado em todo o país. É evidente que a situação de Sergipe no Nordeste brasileiro traz proporcionalmente um número de templos mais significativo que Goiás, mas pelo relato dos festejos não foram observados discrepâncias entre os preparativos: novenas, trezenas (estas somente para Santo Antonio), missas, alvoradas festivas e procissões, mais ou menos participativas ou importantes se o santo for ou não padroeiro do município ou povoado (Figura 1).



**Figura 1- Ocorrência dos festejos a Santo Antonio em Sergipe e Goiás**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012.

As comemorações católicas natalinas distinguem-se pela ornamentação dos templos com signos alusivos ao nascimento de Jesus. Os presépios são destacados dentro e fora das igrejas assim como autos são encenados. Nesse sentido, não há distinção entre os estados, salvo pelo tamanho, originalidade, engenhosidade, etc., dos presépios.

Avançando nas festas, a pesquisa buscou aquelas cuja tradição da transmissão dos valores espirituais extrapolam os templos e reinventam os rituais em práticas festivas populares, nomeadas como **festas de entorno**. Estas festas populares são o foco de maior interesse da pesquisa realizada e, conseqüentemente, deste Atlas (Quadro3). São as quermesses, os parquinhos e os leilões que, posicionados defronte às praças e largos dos templos constituem um território temporário, palco de manifestações que colore as ruas e retumbam sons e cânticos aos santos mais populares da igreja católica, no mês de junho e, ao Menino Jesus, no mês de dezembro.

CICLOS	FESTAS DE REFERÊNCIA	FESTAS DE ENTORNO
JUNINO	<p><b>Santo Antonio</b></p> <p><b>São João</b></p> <p><b>São Pedro</b></p>	<p><b>Arraial</b></p> <p><b>Forró</b></p> <p><b>Festas de escolas</b></p> <p><b>Casamento caipira, cortejo e cavalgadas</b></p> <p><b>Folia, Folia de roça</b></p> <p><b>Batalhão, Bacamarte</b></p> <p><b>Batucada, pisa pólvora</b></p> <p><b>Quadrilha</b></p> <p><b>Sarandagem, arrastão</b></p> <p><b>Complementares:</b> concursos, leilões, fogueira, queima de fogos, folguedos de outros ciclos,</p>
NATALINO	<p><b>Rituais:</b> missas, novenas, procissões, alvoradas</p> <p><b>Autos de Natal</b></p> <p><b>Complementares:</b> leilões, arvore de natal, queima de fogos, presépios, lapinhas, Papai Noel.</p>	<p><b>Folia de Reis</b></p> <p><b>Reisado</b></p> <p><b>Pastoril</b></p> <p><b>Taieira</b></p> <p><b>Chegança</b></p> <p><b>Cacumbi</b></p> <p><b>Congada</b></p> <p><b>Complementares:</b> ceia, confraternização, eventos culturais, feira, quermesse, parquinho, shows, apresentação de folguedos de outros ciclos.</p>

**Quadro 3- Diversidade das festas de entorno dos ciclos natalino e junino**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012.

As nomeadas “festas populares” ou “festas de fé”, “festas sacroprofanas”, “festas ibéricas do cristianismo popular”, dentre outras nomeações, vem sendo tratadas ao longo de séculos em múltiplos aspectos e suscitando pesquisadores de diversas áreas do conhecimento de tal forma que se pode afirma-las como permanente fonte de observação<sup>4</sup>.

Elas surgiram em decorrência dos festejos religiosos e se expõem como herança, de geração a geração. São essencialmente ritualísticas, mas ao mesmo tempo, transgressoras de regras e agregadoras de laços sociais que, tal como expostas por Durkheim (2008, p.547), apresentam características religiosas ao “suscitar assim um

<sup>4</sup> Apenas para pontuar os interesses em diversas áreas, citam-se: Eliade (2008), Bourdieu (1987), Claval (1992); Malinowski (1978); Camara Cascudo (1974); Rosendahl (1996); Brandão (1978).

estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso”. E, como exposto, interessa-nos espacializa-las pelos conteúdos sinalizados pela pesquisa empreendida.

As festas conformam um espaço cultural e, como tal, “geossímbolos” carregados de afetividade e de significações (Bonnemaison, 2002, p. 111); elas expõem o modo como as comunidades organizam seus rituais, como utilizam os símbolos: “ séria e necessária, a festa quer brincar com os sentidos, o sentido e os sentimentos” (Brandão, 1978, p 17).

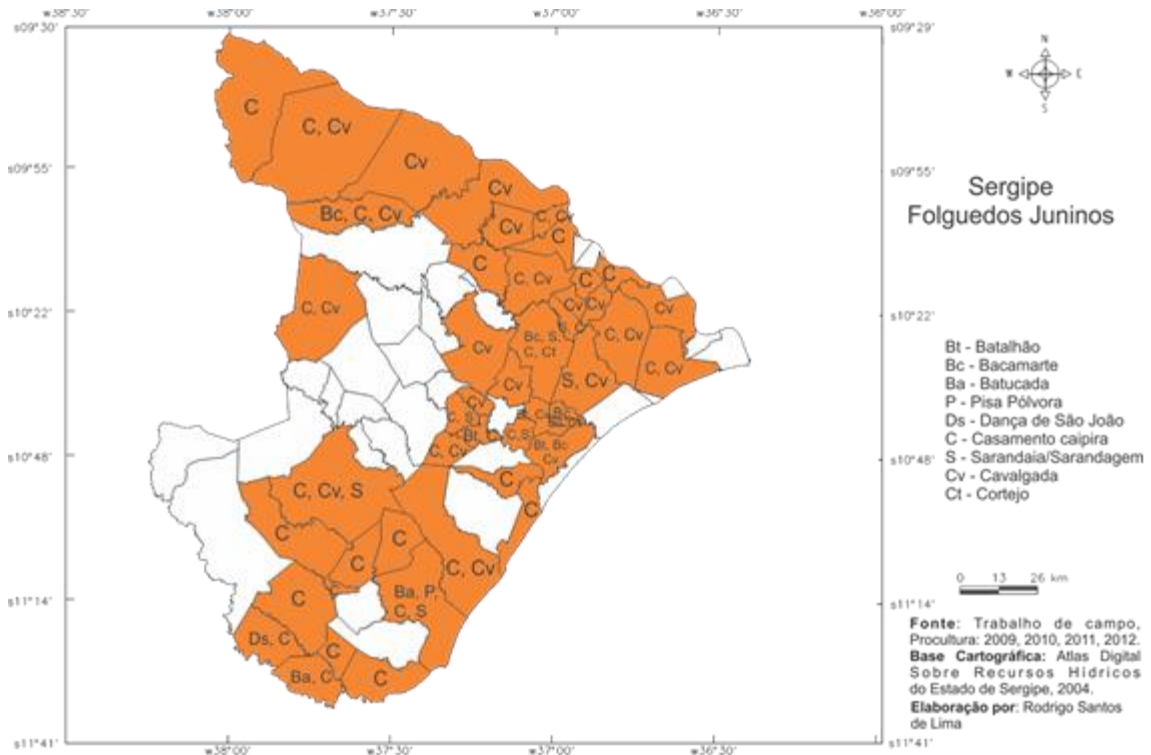
Essas festas renovam os costumes religiosos, sucedem ano após ano, demarcando o calendário rural consoante com o calendário religioso ao definirem as celebrações pelo tempo de plantio, pelo tempo da colheita. Os cânticos e ritmos são plenos de referências e reverências aos santos protetores das plantações e garantidores de boas safras e daí, as comidas típicas ou em fartura estarem associadas ao festar.

Como expressa Nunes (2001), diferente dos dias comuns, nos dias de festa se faz de uma só vez “ rezar, festar, comer, competir, extrapolar”! É assim que o movimento das celebrações religiosas “desloca-se” para os preparativos das comidas, das competições, das exibições, do extrapolar em festar. Na perspectiva do tempo, os preparativos denotam singularidades definidoras de inúmeras formas e maneiras de festar junto às comemorações dos santos. Em comum, as celebrações religiosas e populares têm na essência de seus ritos o sentido de reviver, revigorar, reafirmar e daí, serem tradições enraizadas que vêm resistindo, de geração a geração, a despeito da compressão espaço-tempo proporcionada pelos avanços tecnológicos.

Em Sergipe, as sarandagens ou sarandaias que constituem num arrastão realizado na noite de 31 de maio para 1º de junho anunciam a chegada dos festejos juninos, o mês em que se comemora juntamente com seus santos, a farta colheita com arraiais, forrós, cortejos de cavalgadas e casamentos caipiras. Diz o refrão: “Acorda vem vê; vem vê recordação; acorda vem vê; é primeiro de São João!”!

As danças e os rituais explodem, juntamente com fogos e fogueiras, com quadrilhas, bacamartes, batalhões, batucadas e pisa pólvoras. Ruas e largos de cidades e

povoados, porteiras e entradas de sítios e fazendas, casas comerciais, clínicas, hospitais e *shoppings* são ornados com bandeirolas coloridas transformando a paisagem e alterando comportamentos: “Feliz São João”! é expressão de cumprimento comum tanto quanto “feliz natal e feliz ano novo” no ciclo natalino (Figura 2).



**Figura 2. Sergipe: Folguedos juninos**

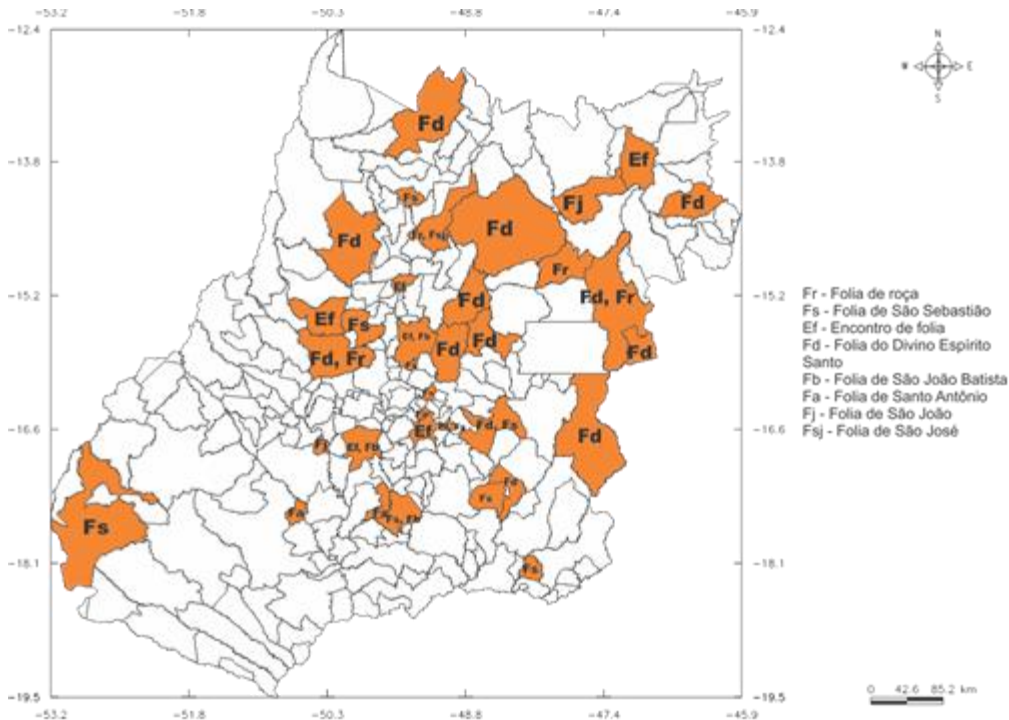
Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012

Mais contido em diversidade, mas não menos importante, encontram-se as folias e as folias da roça que encerram o festar em Goiás. É a manifestação mais popular do estado, com variações entre os ciclos, os santos e, portanto, entre as motivações de se festar. A folia da roça, geralmente “abre” suas apresentações em “giros” nos festejos ao Divino e, muitas delas estendem o festar no período junino (Figura 3). As quadrilhas e os arraiais manifestam-se, sobretudo nas escolas de forma a manter a tradição das comidas e das fogueiras.

Nesse sentido a singularidade do festar no estado de Goiás reside na diversidade de folias e, em Sergipe, em manifestações únicas de um determinado lugar, como o barco de fogo no município de Estância, no prestígio de determinados grupos que alcançam



reconhecimento como os bacamarteiros de Carmópolis ou ainda, na festa do Mastro de São Pedro em Capela que atrai milhares de participantes.



**Figura 3. As folias de Goiás**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012

Os arraiais, sejam em ruas urbanas ou em escolas, em Sergipe e em Goiás, encerram palcos para apresentações de quadrilhas e de casamentos caipiras. Os trios pé de serra, formados por três tocadores de triângulo, zabumba e sanfona garantem o forró tradicional ou o “forró pé de serra” e, as comidas típicas e os fogos de artifício completam a festa.

Todavia, se por um lado as tradições persistem em arraiais, folias e folgedos, por outro, um movimento iniciado na década de 1980, vem deslocando os festejos populares das ruas e praças para palcos de espaços de eventos, como atração de festas de massa.

Em Sergipe, mapeamento recente detectou que embora as quadrilhas representassem o “orgulho e a imagem” de muitos municípios, a sua representação tradicional vem se

constituindo como lembrança do passado. Tal processo teve início com a promoção de concursos de quadrilhas que paulatinamente passaram a se preocupar com inovações nos ritmos, vestimentas, passos etc., e, conseqüentemente, com patrocínios e cachês ou que resultou num filtro, diminuindo o número e a visibilidade das quadrilhas tradicionais, hoje, “pequenas e pobres” (Vargas, 2009).

Em Goiás, as folias juninas (e também as natalinas) vêm sofrendo o mesmo processo pois os “giros” vêm sendo executados não propriamente em função do santo, mas também, atendendo a pedidos para apresentação em eventos. As folias evocam uma tradição goiana permitindo transformações que se justapõem aos movimentos da modernidade e são estabelecidas entre a concepção de mundo contemporâneo e tradicional. Destarte, a tradição é viva, encontra-se em movimento, assim como a cultura, e ainda dialoga com as temporalidades passadas e presentes.

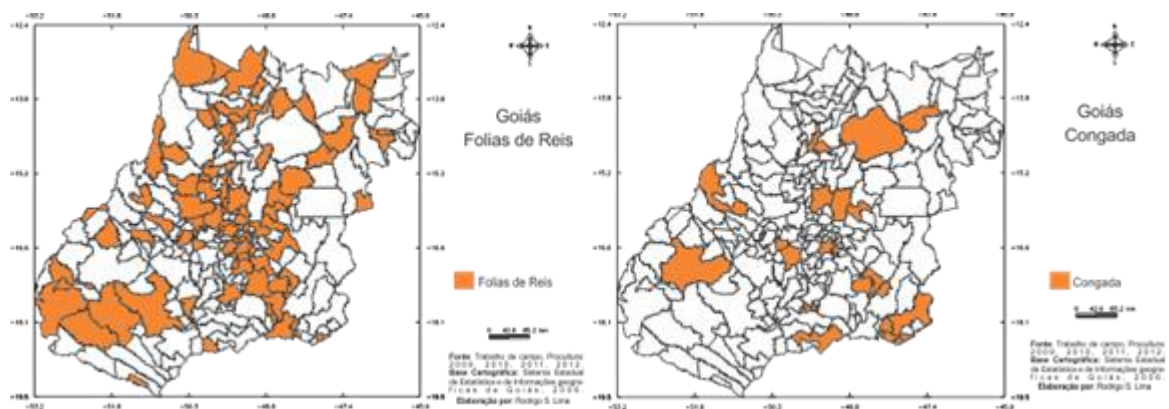
O fato é que a espetacularização das festas cria um novo arranjo produtivo com o surgimento de novas estratégias de reprodução e de formas organizativas dos grupos e das manifestações tradicionais. Tal realidade é mais claramente observada nos grupos de quadrilha em Sergipe e de folias, em Goiás. De modo geral eles mantêm a reprodução nucleada em uma única família, de geração a geração, e, tornam-se frágeis pelas restrições de expansão. São poucos os grupos que conseguem constituir as formações mirins (a dimensão pedagógica da transmissão do saber) e ter acesso a editais públicos e a patrocínios. São os novos tempos que impõem a convivência com de arranjos solidários e tradicionais com arranjos cuja estrutura complexa exige financiamentos e gastos vultosos.

Os festejos populares natalinos, tal como as festas religiosas, são mais contidos em diversidade e também na espacialização. No entanto, as luzes e as cores vermelha, dourada, prata e branco dos presépios das igrejas invadem as residências, edifícios, ruas, árvores e praças.

Em Goiás, as folias de reis e as congadas dominam as cenas das festas. As Folias de Reis evocam a relação bíblica que faz alusão à presença de reis no ato do nascimento de Jesus, o Cristo. Para muitos, essas manifestações consistem em um relato da jornada dos reis magos (Gaspar, Baltazar e Melquior), que viajaram do Oriente a Belém

a fim de presentear e serem abençoados pelo Rei dos Judeus. A Folia consiste em “giros” divididos em três partes. A primeira consiste na saída da peregrinação/jornadas quando os grupos efetuam cantorias e rezas agradecendo ao “santo da bandeira”, sendo a oportunidade de demonstrarem sua devoção e pedirem proteção para que consigam cumprir a “missão” de realizarem o “giro” até a entrega. A segunda parte consta do “giro” propriamente dito quando os foliões saem de casa em casa, cantam, rezam e pedem esmola para a realização da festa de entrega. A terceira, conhecida como “chegada ou remate”. Durante o “giro”, seguem-se os “pousos de folia”, que são jantares oferecidos pelos devotos. Após essas refeições, os pousos ganham outra animação: a apresentação da dança da catira. Alguns grupos remetem tal singularidade goiana, tais como o Grupo de Folia da Aroeira de Goiânia, a Irmandade dos Três Reis Santos de Jaraguá, o Grupo de Folia de Reis de São Miguel do Araguaia, dentre outros existentes em todo o estado goiano.

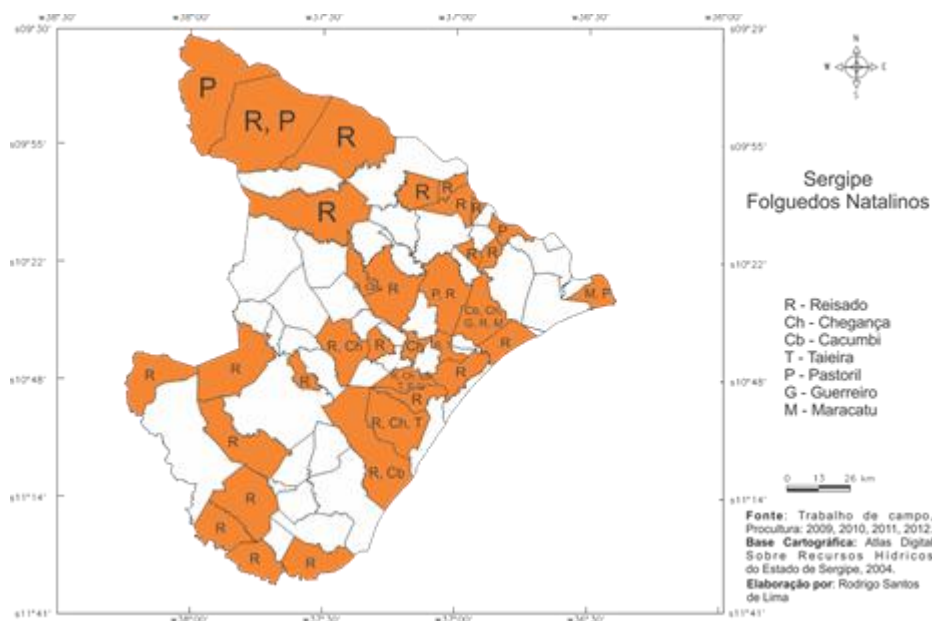
Já as congadas referem-se a uma realização cultural e também religiosa afro-brasileira que se constituem através de ternos, como os catupés, congos, moçambiques, dentre outros que concebem determinados grupos. As congadas normalmente são realizadas nas Festas do Rosário que ocorrem no estado de maio a outubro. Ambas, as folias e as congadas, são manifestações que podem ser consideradas contínuas e mostram-se com abertura de caminhos e possibilidades de reconstrução de rituais que valorizam essa cultura e o conhecimento transmitido pelas gerações. Elas ajustam-se por um processo de ressignificação de seus próprios conteúdos socioculturais (Figura 4).



**Figura 4. Goiás: Folias de Reis e Congadas**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012

Em Sergipe, as formações de reisados são numericamente superior aos demais grupos que festejam o ciclo, quais sejam: chegança, pastoril, taieira, guerreiro, maracatu e cacumbi. O reisado e o pastoril traduzem autos de louvor e anúncio do nascimento de Jesus, respectivamente; o maracatu e o cacumbi ligam-se às festas de Reis e a taieira encena louvor à Nossa Senhora do Rosário e à São Benedito no dia de Reis e nos festejos à Bom Jesus dos Navegantes, comemorado em várias datas no mês de janeiro. O guerreiro é composto de jornadas que apresentam a luta entre o mestre e o índio, também encenado no período natalino (Figura 5).



**Figura 5. Sergipe: Folguedos natalinos**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012

Não ocorreu no ciclo natalino um movimento de mudança tal como observado no ciclo junino que transportou os forrós pé de serra em grandes espetáculos de massa. No contexto atual, dois aspectos são merecedores de atenção. A profissionalização de muitos grupos, com mais visibilidade as folias de reis (Goiás) e os reisados (Sergipe) traduz um processo de ressignificação na medida em que os grupos tornaram-se “móveis” no calendário, apresentando suas danças em shows e eventos durante todo o ano, raramente na íntegra, mais como uma performance curiosa do que um ritual significativo na reprodução dos sentidos. Por outro lado, ocorre neste período em Sergipe e em Goiás eventos tradicionais que mobilizam e congregam grupos folclóricos

e milhares de participantes que têm a oportunidade de interagir com as manifestações culturais<sup>5</sup>.

A terceira parte do Atlas constitui a exposição das outras festas mapeadas durante a pesquisa e que ocorrem nos períodos analisados, mas dissociadas dos ciclos das festas religiosas natalinas e juninas. Mesmo deslocadas do foco de construção do Atlas encerram um conjunto diverso de festas católicas de padroeiros (como Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, São Benedito no ciclo natalino e São Paulo no ciclo junino), festas religiosas populares sincréticas como lavagens de escadarias e cortejos de Oxum e de Iemanjá; feiras; eventos agropecuários e micaretas ou carnavais fora de época (Quadro 4).

	Festas de referência	Festas de entorno	Outras festas	totais
Goiás	292	435	732	1459
Sergipe	119	578	78	775
Totais	411	1013	810	2234

**Quadro 4- Goiás e Sergipe: Festas mapeadas**

Fonte: Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012

Ambos estados são festeiros e do que já foi exposto, observa-se o quanto os festejos populares de entorno são significativos em Sergipe, guardadas as proporções escalares entre os estados. Todavia, o que nos interessa sublinhar é a explosão do festar nos meses e períodos analisados. E, como já dito, a tradição é viva, encontra-se em movimento, assim como a cultura, ressignifica-se em permanente diálogo com o passado e com o presente.

---

<sup>5</sup> Em Goiás destaca-se o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros no município de Alto Paraíso de Goiás. Em Sergipe, citam-se o Encontro Cultural de Laranjeiras e o Festival de Arte Artur Bispo do Rosário em Japaratuba. Os grupos que se apresentam são na grande maioria associados ao ciclo natalino, mas pela característica dos eventos, grupos das mais diversas manifestações locais e convidados de outros estados se apresentam nestes eventos.

### 3- REFLEXÕES SOBRE O ATLAS DAS CELEBRAÇÕES

O percurso de construção do Atlas está exposto ressaltando neste momento quão importante é o entrosamento das equipes e a capacidade de superação das distancias, das diversas formações dos pesquisadores e dos diferentes tempos de levantamentos e tratamento das informações. Nesse sentido, a estratégia do Projeto em promover oficinas internas e Fóruns nos três Estados foi fundamental, pois proporcionou encontros fecundos.

Como um produto já intencionado quando da elaboração do Projeto a cartografia foi pensada em todo o processo. O grande desafio cartográfico não residiu na definição da escala e tampouco **no que** (a festa) e **onde** (a sua espacialização) o fenômeno ocorre.

É evidente que a discussão da escala enquanto medida geométrica de correspondência entre o espaço e sua representação foi posta devido as disparidades areais entre os Estados mostrada no Quadro1. Mas, as categorias-chave da pesquisa – festa, patrimônio, políticas e turismo, impuseram uma reflexão sobre o sentido conceitual de escala e, assim, a construção de uma tipologia para a execução da pesquisa, frente ao grande volume de informações que seriam recolhidas, foi o ponto fundamental para que a cartografia expressasse um nível de organização espacial pertinente aos objetivos do Projeto.

Foi, portanto, nos questionando: *i)* quais elementos/fenômenos podem ser hierarquizados?; *ii)* o que queremos comparar na pesquisa?; *iii)* Quais festas são comparáveis?; *iv)* Quais são as singularidades?; *v)* Quais os aspectos compatíveis?, dentre outras, que alcançamos a tipologia de ***festas de referência, festas de entorno e outras festas.***

Essas questões perpassaram a condução da pesquisa e balizaram o “Atlas das Celebrações” como um dos produtos que privilegia a linguagem visual com mapas, fotos, matrizes temáticas e pequenos textos. Ele está exposto no Portal e também disponível em meio magnético.

Entre a sincronia da coexistência no mesmo período procuramos mapear a diacronia, ou seja, o “pulsar” das manifestações ao apreendermos as evoluções, as ressignificações e as espetacularizações das festas. Se for possível uma síntese neste universo que compreende da tradição à inovação, do ritual de fé ao pagão (ou profano, sacroprofano), da exposição à competição, podemos afirmar que o ritmo de mudanças do ciclo junino é explosivo em festas cada vez mais massificadas e que, o do ciclo natalino, mais contido, vem se ressignificando mais lentamente “ainda” com a profissionalização de grupos tradicionais e sem grandes espetáculos.

Com sua confecção, procuramos mostrar como fio condutor **onde e como** as festas ocorrem; as festas como **patrimônio** dos Estados, considerando o que possuem em **comum**, o que têm de **singular**; como as festas se realizam (de grupos tradicionais à espetacularização); os movimentos, por exemplo da roça e quintais para as praças e palcos. Enfim, procuramos fazer um produto que salte aos olhos do leitor a comparação pela qualidade das festas!

## Referências

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território In: ROSENDAHL, Z. ; CORREA R. L. (orgs.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 83-116.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso In: A economia das trocas simbólicas. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1987

BRANDÃO, Carlos R. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Cia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CAMARA CASCUDO, L. da. Religião do povo. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.

CAPALBO, Creusa. Espaço e religião: uma perspectiva filosófica In: ROSENDAHL, Z. ; CORREA R. L. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 219-230.

CLAVAL, Paul. La theme de La religion dans les études géographiques In: **Geographie et Culture**. Paris, nº 2, 1992, p. 85-111.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

DEL PRIORE, Mary. ***Festas e utopias no Brasil Colonial***. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DURKHEIM, E. ***As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália***. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NUNES, Veronica Maria Meneses. ***Cavahada de Poço Redondo***. Caderno Cendop nº 1. Aracaju: 2001.

MALINOWISKY, B. Os argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROSENDAHL, Zenny. ***Espaço e religião: uma abordagem geográfica***. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

VARGAS, Maria Augusta Mundim; NEVES, Paulo Sergio da Costa. ***Inventário cultural de cada um dos territórios de Sergipe***. Relatório. Aracaju: Seplan 2009.